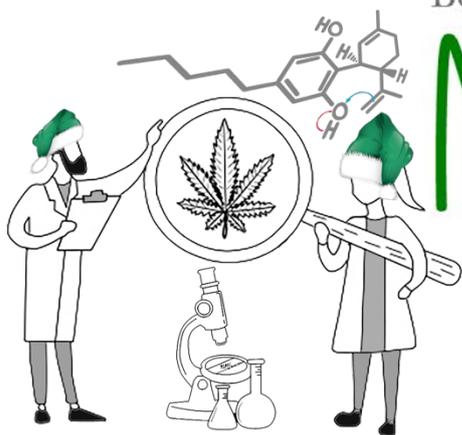


Maconhabrás

ISSN: 2764-0140



CEBRID
Centro Brasileiro de Informações
sobre Drogas Psicotrópicas

Coordenação: Joaquim Mauricio Duarte-Almeida | Ricardo Tabach

Edição: Brayan Jonas Mano-Sousa

Idealizador: prof. Elisaldo Carlini (*in memoriam*)

Editorial

II Simpósio de *Cannabis* Medicinal do Centro-Oeste Paulista

Nesta edição:

Editorial	1
<i>Cannabis</i> em Foco	1
Usos e Costumes	3
Desvendando a História	3
Alertas	4
<i>Cannabis</i> na Mídia	4

A discussão sobre o uso medicinal da *Cannabis sativa* L. passou por Marília/SP com a participação das mais importantes entidades e personagens vindas de várias partes do Brasil. Padre Ticão e professor Carlini foram lembrados, em forma de homenagem e prêmio pelos trabalhos acadêmicos apresentados.

O 2º Seminário sobre *Cannabis* Medicinal do Centro Oeste Paulista, organizado pela Associação Brasileira de Cannabis Medicinal (ABRACAMED), Escola de Defensoria Pública (EDEPE) e Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), foi realizado na Universidade de Marília nos dias 25 e 26 de novembro. O evento contou com apoio do CEBRID e UNESP/Marília. Esse seminário conseguiu reunir parlamentares (Deputado Federal Paulo Teixeira e Vereador Marcos Rezende/Marília), Associações (Apepi, AbraRio, Cura em Flor, Mãesconha, ABRACAMED), profissionais da saúde (biomédicos, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeutas, médicos, terapeutas, psicólogos, veterinários), pacientes e familiares.

O evento foi gratuito à todos os participantes, de modo que pacientes e familiares pudessem participar, aprender e demonstrar os ganhos com essa terapia. Mais de 500 pessoas se inscreveram no evento. A participação do paciente “Pedrinho” foi um dos momentos mais emocionantes. As grandes conquistas foram relatadas pela mãe, que sempre acreditou que seu filho (que vivia internado/acamado) poderia ter melhor

qualidade de vida, enquanto “Pedrinho” se divertia andando pelo palco.

Como podemos proporcionar melhores condições de vida para pacientes que precisam de terapia adequada e eficaz com esse modelo de legislação vigente? Com essa pergunta, muitas propostas foram formuladas, defendidas e discutidas nos vários grupos de discussão que foram se revezando ao longo das mesas temáticas: “*Cenário Regulatório da Cannabis Medicinal no Brasil*”; “*Associativismo, Controle Social e Políticas Públicas*”; “*Inserção da Cannabis Medicinal no SUS*”; “*Enfermagem Canábica*”; “*Uso da Cannabis Medicinal para Pets*”; “*Saúde Mental e Saúde da Mulher*”; “*Saúde da Criança, do Adulto e do Idoso*”; “*Ciência, Pesquisa e Responsabilidade Social*”.

O evento teve como objetivo central reunir pessoas, entidades, comunidade científica e profissionais de saúde para mostrar resultados e apontar o futuro desejado dessa terapia. Um documento foi elaborado – “Carta de Marília” – e será destinado aos membros do Congresso Nacional para que, antes de decidirem sobre novas regulamentações, possam refletir sobre os impactos nas milhares de vidas que dependem do tratamento com produtos à base de *Cannabis*.

Esse editorial foi escrito pelo Prof. Dr. Joaquim Mauricio Duarte Almeida, professor de Farmacognosia da Universidade Federal de São João del Rei – Campus Divinópolis em nome do Conselho Editorial.

Com a expansão da legalização da *Cannabis* medicinal, e em alguns países a liberação para o seu uso recreacional, há um aumento da preocupação sobre uma possível prevalência de motoristas impactados negativamente sob seu efeito. Há estudos mostrando que o delta-9-tetrahidrocanabinol (THC), um dos compostos principais da cannabis, impacta de modo desfavorável a função cognitiva e reduz a performance na direção, em especial na capacidade de se manter na pista e responder adequadamente às mudanças de velocidade do condutor a sua frente. Mas não há ainda consenso sobre o quanto a *Cannabis* impacta a direção, o tempo que dura os efeitos, e sua magnitude. Um estudo publicado em janeiro de 2022 e conduzido nos Estados Unidos da América (EUA), com aproximadamente 200 voluntários – usuários regulares de *Cannabis* – visou investigar qual o resultado do combo: uso da *Cannabis* e direção¹.

Os voluntários foram divididos em: um grupo controle, que recebeu cigarros com concentração quase nula de THC (0,02%), e dois grupos com concentrações diferentes de THC, sendo um de dosagem mais baixa (5,9%), e outro dosagem mais alta (13,4%).

Os voluntários foram instruídos a fumar *Cannabis* conforme fazem em casa, até atingirem seu nível usual de intoxicação; após um pequeno período de pausa, responderam um questionário de autoavaliação sobre sua capacidade de dirigir, e então "pilotaram" por 25 minutos em um simulador de direção. Os voluntários foram testados a partir de 30 minutos após o uso em intervalos regulares, até chegar a 4h30 após o uso. Em cada marco de teste, foram avaliados tanto a autopercepção quanto o real desempenho no simulador.

A concentração de THC no sangue dos voluntários após 15 minutos da exposição à *Cannabis* variou entre os grupos. No grupo controle, não foi detectado, como esperado; aproximadamente 50 ng/mL no grupo de dosagem mais baixa de THC e quase 33 ng/mL no grupo de dosagem mais alta de THC.

Em relação à autopercepção da capacidade de dirigir, os grupos que de fato tiveram acesso ao THC relataram, em maior percentual, se sentirem impactados e inaptos a dirigir em todos os tempos avaliados; ainda assim, quase metade afirmou que julgava que conseguiria dirigir após 30 minutos do uso, subindo para quase 70% após 1h30, 90% após 3h30, e quase 95% após 4h30.

O real impacto do THC sobre a capacidade de dirigir, com os dados do simulador, contam outra história: comparados com o grupo placebo, ambos os grupos de THC apresentaram declínio significativo na

performance da direção, e não houve diferença entre os grupos que receberam as duas dosagens diferentes de THC. Os maiores declínios foram observados entre 30min e 1h30 após o uso, sendo que após 30min, metade dos voluntários tiveram índices consideravelmente ruins de direção, tendo sido considerados totalmente inaptos a dirigir. Entretanto, após 3h30min da exposição, apesar de alguns ainda relatarem percepção de habilidade reduzida, na simulação não havia mais diferença para o grupo controle. As reduções desapareceram por completo após 4h30 do uso de cannabis.

Desta forma, fica claro que a autoavaliação de grande parte dos voluntários foi errônea. Por mais que tenha havido um "falso-positivo" após períodos mais longos depois da exposição, onde os voluntários ainda se julgavam inaptos a dirigir – mas seus índices de direção estavam normais ou quase normais – houve uma quantidade considerável que se julgou em condição para dirigir, quando não estava. Ao marco de 30min após o uso, apesar de quase 50% dos voluntários dos grupos THC terem relatado segurança e aptidão em dirigir, seus índices eram péssimos. Os voluntários não respondiam bem à desaceleração do carro a frente, e tinham bastante dificuldade em manter o carro dentro da pista. Ainda, na avaliação após 1h30, apesar de a maioria dos voluntários dos grupos THC já se sentirem mais seguros para dirigir, sua performance ainda não estava comparável à do grupo controle, mostrando que eles ainda tiravam o carro da pista. Assim, os autores informaram que este prazo - até 1h30 – indica o período de maior risco, já que uma quantidade muito grande das pessoas julga que está apta a dirigir, quando claramente estão sob efeito negativo da *Cannabis*.

Os autores concluíram que houve, de fato, uma piora significativa na capacidade de dirigir nos voluntários que usaram THC comparados ao grupo controle. Ainda, que os voluntários tiveram, em geral, uma percepção bem errada sobre seu estado real, julgando que ainda estavam sob efeito da *Cannabis* ou que estariam bem para dirigir, quando claramente não estavam. De forma geral, a regra é clara: a *Cannabis* diminui a capacidade de dirigir, age por um período considerável após o uso, e é necessária muita cautela acerca da direção após a exposição aos compostos da planta.

Referências

1. Marcotte, T.D. et al. 2022. Driving performance and cannabis user's perception of safety, a randomized clinical trial. *JAMA Psychiatry*, v. 79, v. 3, p. 201-09.

Em 2022, o evento mais importante do mundo futebolístico acontece em um país com regras rígidas sobre o uso de substâncias com propriedades farmacológicas, como o álcool e a *Cannabis sativa* (canabis). No dia 20 de novembro, começou a Copa do Mundo de 2022 no Catar. Mas, diferente de outras competições esportivas, os produtos canábicos não têm lugar. Afinal, o país do Oriente Médio possui uma enorme restrição ao uso de substâncias, que podem gerar penalidades severas, como prisão, castigo e até a expulsão do país. Dessa forma, há orientações para os turistas verificarem se os tratamentos médicos estão de acordo com as leis do país.

Entre as nações presentes no evento, as principais equipes favoritas (Alemanha, Argentina, Brasil, França, Holanda e Uruguai) possuem alguma regulamentação em relação aos compostos da cannabis. O Brasil, por exemplo, já permite o uso medicinal, seja por importação ou do cultivo e preparo artesanal das associações, mas ainda é o mais atrasado em relação aos outros países que têm regulamentação.

O uso medicinal pode ajudar os profissionais do esporte de diversas formas. Isso porque os jogadores estão sujeitos a diferentes lesões e também às questões de saúde mental, que podem prejudicar a sua performance e preparo físico.

Os canabinoides podem ser capazes de quebrar um ciclo vicioso causado pelo uso constante de medicamentos alopáticos, os quais são consumidos com frequência por esse grupo, já que convivem com consequências de lesões causadas por diversos fatores na atividade esportiva. No entanto, esses medicamentos podem prejudicar o processo inflamatório natural do organismo, processo importante para a recuperação muscular, além de poder causar dependência química devido aos fortes efeitos imediatos. Por fim, as lesões também podem causar dores que podem ser amenizadas com o Canabidiol e outros compostos.

Outras questões podem acometer os atletas, como ansiedade e insônia por conta dos treinamentos pesados e noturnos, pressão da competição, além do *overreaching* e *overtraining*. O primeiro é causado pelo treinamento intensivo e tempo insuficiente de recuperação, enquanto o segundo é causado por mal planejamento do treino. Ambas as condições podem ser beneficiadas pelas propriedades terapêuticas da planta.

Muitos atletas de alto rendimento já fazem uso medicinal de cannabis, bem como são patrocinados ou apoiados por empresas do setor. Desde 2018, o CBD deixou de ser parte da lista de substâncias proibidas pela Agência Mundial Antidoping. No caso da FIFA, instituição responsável pela Copa do Mundo, ainda são seguidas as regras da Agência Antidoping — o uso de CBD é permitido, mas o THC estritamente proibido.

1. Santos, L. 2022. Copa do mundo e cannabis. Kaya Mind. Disponível em: <https://kayamind.com/copa-do-mundo-e-cannabis>.

Em 2013, o médico americano Sanjay Gupta lançou um documentário apresentando a utilidade terapêutica do Canabidiol (CBD) para epilepsia refratária, estabelecendo um novo interesse mundial da *Cannabis*. No Brasil, essas mudanças de interesse também foram causadas pelo uso medicinal na epilepsia refratária, com a história da menina Anny Fischer, de 5 anos de idade, tornando-se, em 2014, a primeira paciente do país autorizada a usar legalmente a *Cannabis*. A família de Anny lutou na justiça até conseguir importar o óleo derivado da planta. Isso fez com que as famílias mudassem de perspectivas, ocasionando novas possibilidades de tratamento, mobilizando, gradualmente, mais e mais pessoas. Assim, foram criadas associações no intuito de ampliar o acesso e conhecimento sobre os tratamentos medicinais com a *Cannabis*.^{1,2}

Atualmente, no Brasil, existem mais de 100 associações, trabalhando pelo direito ao cultivo, buscando respostas terapêuticas, com uma rede de apoio e acolhimento de pacientes e familiares. A Associação Brasileira de Pacientes de *Cannabis* Medicinal (AMA+ME), foi a primeira associação de *Cannabis* no Brasil, criada em 2014, com a presença de pacientes e ativistas de vários estados do país, facilitando o acesso a produtos derivados dessa planta, conscientizando e orientando sobre a regulamentação.^{2,3}

Além disso, em 2015, a AMA+ME atuou, auxiliando a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), na elaboração do painel Técnico: “*Evidências para o uso do canabidiol, controle e riscos de suas prescrições*”, indicando vários pesquisadores de universidades brasileiras que trabalham na linha de pesquisa dos canabinoides. Na qual, foi estabelecida a ampliação do uso do óleo rico em CBD, para tratamento de outras doenças além da epilepsia.³

A Associação Brasileira de Apoio *Cannabis* Esperança (ABRACE) foi a primeira associação a conseguir autorização para cultivo da *Cannabis* no país. Possuindo, hoje, a maior plantação legal do Brasil. Assim, ao longo dos anos, a informação foi sendo dissipada e muitas associações foram surgindo, como a APEPI, ABRAFLOR e ABRACAMED. É indiscutível a importância das associações na luta contra os impactos da proibição na vida de milhares de pessoas que necessitam do tratamento de derivados de *Cannabis*, além de garantir o acesso às famílias que não podem adquirir o óleo devido ao alto custo.¹

1. Uma breve história da Cannabis medicinal: da Idade da Pedra ao Século 21. <https://www.cannabisesaude.com.br/historia-cannabis-medicinal/>
2. Santos, L. 2022. <https://kayamind.com/associacoes-de-cannabis-no-brasil/>
3. <https://amame.org.br/historia-da-cannabis-medicinal/>

Congressos, cursos e eventos

Por Joaquim Maurício Duarte Almeida
Ricardo Tabach

Vários eventos relacionados ao uso medicinal da *Cannabis* já ocorreram e outros ainda serão realizados ao longo de 2023. Por se tratar de um tema ainda controverso, os congressos e cursos são uma ótima oportunidade para se discutir e esclarecer os diversos aspectos (medicinal, regulatório, cultivo) ligados ao tema.

Abaixo, seguem alguns eventos, anote em sua agenda!

1. Medical Cannabis Fair 2023 e Congresso Brasileiro da Cannabis Medicinal

Local: Expo Center Norte – Pavilhão Vermelho – São Paulo (SP).

Data: 04 e 05 de maio de 2023.

Mais informações: www.medicalcannabisfair.com.br

2. Conferência Internacional da Cannabis Medicinal (CICMED)

Local: Centro de Convenções Frei Caneca, São Paulo (SP).

Data: 03 a 05 de agosto de 2023.

Mais informações:

<https://www.facebook.com/icicmed/>

3. CannaPortugal 2023

II Expo Internacional de Cânhamo e *Cannabis* em Lisboa (Portugal).

Data: 19 e 20 de maio de 2023.

Local: Centro de Congressos de Lisboa, Portugal.

Mais informações: <https://cannaportugal.com/>

Cannabis inovação e viagens

Por Joaquim Maurício Duarte Almeida

Alguns fatos importantes sobre o uso da *Cannabis* medicinal estiveram na mídia nas últimas semanas.

Na Argentina, um grupo de cientistas farmacêuticos da Universidade de Buenos Aires desenvolveu uma biotinta a base de óleo de *Cannabis* para impressão 3D. A inovação dos pesquisadores tem como finalidade a regeneração de tecidos ou restauração de órgãos danificados. A biotinta é composta por gelatina, alginato de sódio e o óleo de *Cannabis*.

A diplomacia internacional foi necessária para resolver esse outro caso: o da atleta americana, Brittney Griner, jogadora de basquete que foi condenada a 9 anos de prisão por porte indevido de drogas e contrabando. O delito ocorreu na Rússia, país que não considera o óleo de *Cannabis* como medicamento, onde a atleta americana joga no UMMC Ekaterinburg. O descuido da atleta foi incluir em seus pertences um frasco com o óleo que utiliza para aliviar as tensões musculares após os treinos e jogos, permitido em seu país. A troca de prisioneiros entre os Estados Unidos e Rússia foi a solução para esse impasse, intermediado pelo governo dos Emirados Unidos.

Nessa época de férias e viagens, todo o cuidado é pouco. Pense bem em qual país irá passar as férias e o que colocar na sua bagagem, além das roupas e documentos.

Referências

<https://cannabicaargentina.com/>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63910367>

